

.

IV

VIDA DE SANTO ANTÓNIO CONFESSOR

ou

VIDA SEGUNDA

por

Frei Juliano de Espira

da Ordem dos Menores (c. 1235)

Introdução: *Frei Henrique Pinto Rema, OFM*

Tradução: *Frei José Afonso Lopes, OFM*

Título original:

VITA SANCTI ANTONII CONFESSORIS
SIVE LEGENDA ANONYMA VEL JULIANA

Juliano de Spira o. Min. auctore (c. 1235)

INTRODUÇÃO

Embora sem prólogo a introduzir o leitor ou o ouvinte nesta obra de Frei Juliano de Espira, que a terá escrito depois de concluído o Ofício Rítmico, o antonianista Vergílio Gamboso descobre-lhe um complexo de motivações: motivação religiosa, motivação edificante, motivação litúrgica (uso coral e leitura pública), motivação literária (resumo atraente da vida de Santo António), e também resposta a exigência política (unidade da família minorítica contra certa anarquia), glorificação do santuário de Pádua e reapropriação de Santo António por parte dos Frades Menores.

As fontes da Vida Segunda são a Assidua, que Frei Juliano resume com mestria, outras informações escritas ou orais, a Bíblia, a liturgia e a tradição agiográfica. Relativamente à primeira Legenda, a única novidade é a aparição de São Francisco em Arles durante uma pregação de Santo António, certamente inspirado na Legenda de Celano.

O bom estilo literário desta Vida ou Legenda produz uma prosa de arte, mediante uma retórica directa, fina, um léxico escolhido e uma cuidada adjectivação.

Por todos estes predicados, a Vida Segunda foi utilizada por quantos escreveram sobre Santo António depois de Juliano de Espira. A tradição manuscrita é rica, pois se conhecem seis manuscritos com a legenda integral e mais doze com fragmentos importantes. Há, depois, edições desde o tempo dos incunábulos, entre elas uma de 1474 com o capítulo III. A mais importante é a do Bolandista P. Daniel Papenbroek, S.J., com o título Legenda Auctore Anonymo, publicada, em 1698. Daí o apelativo de Legenda Anonyma. Passou por «textus receptus» durante quase três séculos, ou seja, até que Michael Bihl, em 1932, dá à estampa

La Legenda di fra Giuliano da Spira ed il suo epilogo inedito. *O franciscano conventual P. José Abate, 35 anos depois, em 1967, publica nova edição integral. Jacques Cambell, em 1971, atreve-se a dar à estampa mais uma edição crítica (latim e francês) desta importante Legenda.*

Apesar de tantas edições críticas, Vergílio Gamboso lança no mercado mais uma em latim e italiano no ano de 1985. Aproveita todas as deixas das anteriores e acrescenta muitas, importantes e pertinentes achegas.

CAPÍTULO I

Cidade em que nasceu Santo António, como entrou na Ordem de Santo Agostinho e dos Santos Mártires de Marrocos

1. Em Espanha, na cidade de Lisboa, situada a ocidente do reino de Portugal e nos extremos confins da terra, ergue-se hoje uma majestosa igreja dedicada à gloriosa Virgem, Mãe de Deus, onde repousa o corpo venerável do glorioso mártir S. Vicente.

2. Perto do lado ocidental desta igreja moravam os abençoados pais de S. António, os quais, na flor da sua mocidade, deram à luz este bem-aventurado filho ao qual, na pia baptismal, puseram o nome de Fernando. Em seguida, confiaram-no à mesma igreja para ser educado e instruído nas letras.

3. Após uma infância serena no seio da família, quando os sentidos começavam a seduzi-lo com o enganoso fascínio do mundo e os prazeres insolentes da carne, ele nunca cedeu à concupiscência; mas, firme na resolução de não servir senão a Deus, corroborou com obras o seu propósito. 4. Desprezando, pois, os afagos do mundo e da carne, ingressou num mosteiro da Ordem de S. Agostinho nos arredores de Lisboa e tomou, com devoção, o hábito religioso.

5. Não conseguindo aí o sossego de espírito por causa das visitas importunas dos seus amigos mundanos, passados dois anos, mudou-se para Santa Cruz de Coimbra, outro mosteiro da mesma Ordem. Mas a custo obtém a licença do superior, tal a austeridade lá praticada.

6. Conseguida, assim, a desejada paz de espírito, de tal modo progrediu na perfeição religiosa que a sua transferência não pode ser atribuída à leviandade de coração.

7. O Espírito, numa previsão do futuro, impelia-o ao estudo das ciências divinas nas quais meditando incessantemente, não só aprendeu a extirpar os vícios e a semear as virtudes em campo alheio — depois de haver sollicitamente cultivado o próprio —

como também aprendeu a doutrina dos Padres da Igreja para melhor fortalecer a fé e refutar os erros.

8. Assim, ajudado por Aquele que não precisa de muito tempo para ensinar, bem depressa o homem de Deus ficou repleto do espírito da sabedoria ¹.

9. Entretanto, em Marrocos, é derramado, às mãos de ímpios, o sangue de inocentes. Um rei cruel, movido pelo ódio a Cristo, desembainha a espada contra os Frades Menores, cujo suplício resplandece com inúmeros prodígios, 10. pois, Aquele que desceu do céu e pelo qual sofreram, fez-se para os supliciados Pão da Vida. 11. Ao trazer de Marrocos aquelas venerandas relíquias, um homem célebre, chamado Infante D. Pedro, divulgou a história admirável do seu martírio bem como os graves perigos de que se livrou por sua intercessão.

12. A notícia do acontecimento não chegou em vão aos ouvidos de Fernando. De imediato, qual elefante açulado para o combate com a vista de sangue ², é possuído do ardor da fé e, reflectindo com extraordinária compaixão no insulto a Cristo e na morte dos mártires, conclui não haver outra missão senão afrontar ele mesmo a ferocidade do tirano e obter, por amor a Cristo, a mesma palma daqueles. 13. Feliz de quem a espada do tirano não faz vacilar com o medo da morte; antes, como se verá, o ardor da perfeita caridade o aperfeiçoa ³. E pensando a sério no que fazer, resolve envergar o hábito dos que tinham caído heroicamente por Cristo de modo a poder alcançar, com mais segurança, o desejado combate pela fé.

¹ Eccli 15, 5.

² 1 Mac 6, 34.

³ 1Jo 5, 2.

CAPÍTULO II

Como entrou na Ordem dos Frades Menores e como foi para Marrocos e da sua chegada à Sicília

1. Entretanto, um dia, os irmãos da dita Ordem, que moravam nos arredores de Coimbra, vieram, segundo era costume, pedir esmola àquele mosteiro. O servo do Senhor, vendo-os, não pôde mais conter-se e, chamando-os à parte, confiou-lhes todos os seus sentimentos e projectos. 2. Alegram-se deveras, ao escutá-lo, aqueles irmãos simples, concordam sobre o dia em que se havia de cumprir este seu desejo e, deste modo, felizes, despedem-se dando graças ao Senhor. 3. Ele, depois, obtida não sem dificuldade a licença do seu prelado, prepara-se alegremente para o encontro e os irmãos, conforme o prometido, voltam todos contentes e no mesmo mosteiro o vestem com o seu hábito. 4. Logo após a investidura, enquanto se afastava em companhia dos frades, um dos cónegos, mais triste do que os outros com esta despedida, com o coração amargurado saudou assim o que partia: “Vai, vai” — diz — talvez venhas a ser um santo”. 5. Ao qual humildemente responde: “Quando ouvires dizer que sou santo, então louvarás o Senhor”.

6. Chegou, pois, ao lugar onde a comunidade dos frades morava, chamado Santo Antão; e, em conformidade com este nome, pediu que o tratassem daí em diante por António afim de desviar, por um hábil estratagem, a busca dos parentes, afastando, sob nome desconhecido, a sua importunidade.

7. Ansiando, como se disse, pelo martírio, enquanto um rei da terra se encarniçava contra Cristo, de modo algum António podia acalmar este ardente desejo até que, obtida a prometida licença, seguiu para a terra dos sarracenos. 8. No entanto, embora empenhado com generoso ímpeto em alcançar o fim acima assinado, o Senhor, Rei dos reis, não lho permitiu, tendo para ele um projecto diferente. 9. Atacado, com efeito, de doença muito grave e pertinaz, o homem de Deus constatou não poder manter as suas

intenções. Levado pela necessidade decide regressar a terra cristã.

10. Durante a viagem de regresso a Espanha, sob a violência do vento, acontece-lhe aportar à Sicília e assim o seu sonho ficou completamente desfeito.

CAPÍTULO III

Como do Capítulo Geral foi para a Romagna onde levou vida austera de eremita entre os Frades

1. Por aquela altura estava próxima a celebração, junto de Assis, do Capítulo Geral dos Frades. 2. António, informado do acontecimento, embora fraco e doente, dirigiu-se para lá. 3. Dissolvida a assembleia e enviados os irmãos ao próprio destino, só António não foi requisitado por ninguém e, como era desconhecido, consideravam-no um inútil. 4. Sem nada falar de si nem da sua cultura nem de qualidade alguma que o poderia fazer útil, dirigiu-se respeitosamente a Frei Graciano que então presidia aos frades da Romagna, pedindo humildemente que o recomendasse ao Ministro Geral, o acolhesse e o formasse na disciplina religiosa.

5. Frei Graciano recebe-o com benevolência e leva-o consigo para a Romagna. E como o santo pretendia um lugar solitário, mandou-o para o eremitério de Monte Paolo. 6. Logo que chegou, notou numa gruta uma pequena cela a seu gosto, separada das outras e própria para a oração; adquire-a para seu uso, dum frade que a tinha preparado para si.

7. Ali leva uma vida solitária, na medida do possível. E com santas meditações fortificava o espírito contra as tentações, robustecendo-se no amor de Deus; 8. ali se entretinha na oração, sozinho, em vigílias nocturnas; ali, abandonando-se totalmente à vontade divina, agarrou-se à âncora duma indefectível esperança. 9. Ali ainda, só a pão e água, submeteu o corpo a tão duras privações que — como testemunham pessoas presentes — ao juntar-se aos frades na hora da colação, os seus passos vacilavam por excessiva debilidade e mal conseguia manter-se em pé.

Deste modo, 10. o homem de Deus, António, embora fosse repleto do dom da sabedoria, viveu durante muito tempo uma vida simples no meio dos simples, afastando de si a presunção com a humildade do coração e escondendo sempre, sob o aspecto dum homem inculto, o esplendor da graça. 11. E embora, como se infere de quanto foi dito, houvesse um zelo ferventíssimo pela casa do Senhor, contudo, impedido já uma vez de realizar o seu desejo, por vontade divina, não tinha a presunção de se dirigir novamente para a gesta gloriosa da própria iniciativa até que, dispondo Aquele, ao qual confiadamente se abandonara, um sinal manifesto fizesse crescer a sua fama entre os seus simples irmãos.

CAPÍTULO IV

Como, por sinal divino, foi reconhecido entre os Frades e confiada a missão de pregar. Com quanta sabedoria e fervor anunciou a verdade sem aceção de pessoas

1. Depois de muito tempo, os frades para ali mandados, a fim de receber ordens sacras, reuniram-se na cidade de Forli, entre os quais António e também um grupo de Frades Pregadores. 2. À hora do colóquio espiritual, o Ministro do lugar pedia aos Frades Pregadores para que algum deles dirigisse uma palavra de exortação aos irmãos presentes. Mas, por vontade de Deus, todos se recusaram a falar com a desculpa de não estarem preparados.

3. Por fim o mesmo Ministro, impellido fortemente pelo Espírito, volta-se para António e, nada sabendo das suas aptidões, encarrega-o de expor aos frades o que o Espírito lhe sugerisse.

4. Humildemente o servo de Deus responde ser incapaz de falar. Na verdade, sentia-se mais à vontade a lavar a louça e a ocupar-se de outros trabalhos humildes, do que a expor os divinos mistérios.

5. Mas para que perder tempo com palavras? Com efeito, apesar de ter recebido do céu uma graça tão grande como o uso duma memória prodigiosa, contudo não se notava nele nenhum indício de ciência com excepção das poucas palavras que mui raramente dizia em

latim. 6. Por fim, depois de grande resistência, não consegue opor-se à ordem recebida e, embora contra a vontade, submete-se e no temor de Deus, começou a falar, com simplicidade.

7. O Senhor, porém, havia decidido pôr no candelabro esta luz escondida por tanto tempo debaixo do alqueire ⁴. Assim, no decorrer do sermão, dá-lhe tal eloquência e tal profundidade mística, que os presentes ficaram todos pasmados confessando nunca terem ouvido coisa assim. 8. Extremamente consolados, os frades começaram daí em diante a venerar, no homem de Deus, o fulgor da sabedoria celeste divinamente revelada e, ao mesmo tempo, a virtude duma humildade já bem comprovada.

9. A notícia deste facto chegou depressa aos ouvidos do Ministro Geral, o qual confiou imediatamente a António o ministério da pregação, obrigando-o a aparecer em público. 10. E, na verdade, é com todo o mérito que fica encarregado da pregação um homem versado na divina sabedoria, já reconhecido como pobre em espírito no meio da fraternidade dos pobres e que não assume por si esta honra mas por chamamento.

11. Não haja dúvida de que tal vocação se deve à iniciativa divina, como está provado tanto na vida como na morte de Santo. 12. E enquanto peregrinou por este vale de lágrimas resplandeceu em virtude e sabedoria. Quanto à primeira, isto é, à virtude, mostram-no o espontâneo desprezo de si próprio, a singela inocência e a sujeição à disciplina; quanto à segunda, ou seja, à sabedoria, garantem-no a doutrina, o zelo e caridade, a verdade e a modéstia.

13. Porque me é impossível enaltecer em poucas palavras todas as suas insígnias qualidades, irei resumir o modo como igualmente anunciava a todos toda a verdade. 14. Esta virtude era nele tão resplandecente que não havia olhos que a não vissem; virtude certamente superior aos milagres, que as mais das vezes realizados na vida, são enganadores. 15. O nosso Santo, admiravelmen-

⁴ Mt 5, 15.

te versado na sagrada doutrina, dirigia-se a qualquer um com tal precisão que, quer falasse aos grandes ou aos pequenos, feria igualmente cada um com o dardo da verdade. 16. Ele mesmo, que antes tinha desejado tão avidamente beber o cálice da Paixão, não recuava perante a grandeza de ninguém quando se tratava de afirmar a verdade mesmo à custa da própria morte; mas resistia com admirável coragem à tirania dos grandes.

17. E algumas vezes atacava com tal dureza certas pessoas colocadas em altos postos mas dignas de repreensão, que outros famosos pregadores, ao ouvir-lhe as invectivas, tremiam perante a intrépida firmeza daquele homem e, banhados de cobarde rubor, preferindo estar ausentes, tapavam com a mão ou com a capa o rosto atemorizado.

18. A sua oratória, fossem quais fossem as circunstâncias, era, porém, sempre temperada com o humor e a delicadeza; era, na verdade, gentil e ao mesmo tempo severo de modo a suscitar simultaneamente amor e temor nos ouvintes.

19. Assim, pois, a sua passagem pela terra, famosa pela sabedoria e pela virtude, prova à saciedade os sinais duma vocação divina do Santo que, como no fim se verá, será confirmada como conclusão evidentíssima do esplendor dos numerosos milagres depois da morte.

CAPÍTULO V

Da eloquência, engenho subtil e frutos da sua pregação e como, enquanto pregava, São Francisco aparece no ar crucificado

1. António, autorizado a pregar, tratou de cumprir com presteza o encargo confiado. E foi-lhe indispensável abandonar a quietude do eremitério no qual, até então, tinha cultivado o próprio espírito com um trabalho inédito para o bem dos frades. 2. E ei-lo a percorrer grandes cidades, castelos, aldeias, pregando com zelo inflamado, a Palavra de Vida. Ensinado, contudo, pelo céu, adap-

ta-se à capacidade dos ouvintes, a todos proporcionando o ensinamento mais conveniente.

3. As pessoas cultas admiravam-lhe a agudeza da inteligência, aliada à clareza e eloquência da exposição e ouviam-no sempre falar com admirável apreço. 4. E da profundidade com que falava da Sagrada Escritura, o atestava pessoalmente o Sumo Pontífice da Sé Romana que chamava o homem santo com o epíteto peculiar de “Arca do Testamento”.

5. Não se limitava a usar, nos sermões simples, os argumentos relativos à formação moral, mas refutava também, com argumentos sólidos, as posições erradas dos hereges. 6. Foi assim que em Rimini converteu numerosos herejes à integridade da fé cristã entre os quais um heresiarca de nome Bononillo, cego durante trinta anos pelas trevas do erro pestilento, induzindo-o a permanecer fiel aos mandamentos da Igreja até à morte.

7. Mas uma vez que seria longo narrar por ordem quantas foram as províncias iluminadas pela sua palavra, tamanha a estima e afecto que lhe dedicavam grandes e pequenos, 8. o modo como desempenhou os diversos cargos a ele confiados, quantas almas perdidas reconduziu ao seu Criador, omitindo tudo isto, fixemos a nossa atenção no fim que nos propomos.

9. Precisamente ao explicar, de seguida, a última fase da sua vida, poder-se-á compreender plenamente qual a eficácia da pregação deste homem enviado por Deus, por longo tempo e em diversas partes da terra, quando se pensa no que fez, numa só cidade, no decurso duma quaresma.

10. Mas não podemos omitir, nesta altura, um episódio que redundava em seu louvor. Uma vez, estando os irmãos reunidos em Capítulo na Provença, o nosso Santo pregou docemente sobre o tema da cruz e sobre os tormentos infligidos a Jesus durante a Paixão. 11. E eis que aparece, suspenso no ar, por estupendo e incrível milagre, o glorioso Pai S. Francisco, ainda vivo naquela altura mas habitando noutra longínqua região. 12. Em sinal de aprovação das

palavras do homem de Deus e a mostrar quão digno era da imitação dos ouvintes, manifesta-se aos olhos dos presentes com os braços abertos como no patíbulo da cruz e, abençoando os seus filhos presentes, traçou sobre eles o sinal da cruz.

CAPÍTULO VI

Como antes da sua morte aparece a pregar em Pádua e como foi libertado das garras de Satanás que queria esganá-lo

1. Quando o Senhor aprovou terminar a caminhada⁵ do seu fiel servo António, um ano antes do seu falecimento, ou seja, no Capítulo Geral em que foi realizada a trasladação dos restos mortais do Pai S. Francisco, o homem de Deus, António, fica liberto totalmente de todos os cargos de governo dos irmãos e com inteira liberdade de pregar onde quisesse. 2. Aproveita esta liberdade dirigindo-se em primeiro lugar à cidade de Pádua onde já anteriormente tinha experimentado a sincera devoção do povo no tempo em que compilava um opúsculo de *Sermões Dominicais*. 3. E agora, propondo-se acrescentar ao acima mencionado, também uma colecção de *Sermões para as Festas dos Santos*, e isto a instâncias do Bispo de Óstia, resolveu dedicar-se a esse trabalho precisamente naquela cidade.

4. Logo que chegou, imediatamente ocupou o seu espírito nesta santa tarefa não pregando todo o inverno senão de quando em quando, nos intervalos da escrita. 5. Mas ao aproximar-se o tempo da Quaresma, decide dedicá-lo todo à pregação quotidiana e ao confessionário. E assim fez.

6. Querendo o inimigo do género humano impedi-lo da frutuosa actividade, uma noite, nos princípios da Quaresma, enquanto repousava da fadiga, aperta-lhe a garganta tão fortemente que, não fora o poder divino, o teria estrangulado; o mesmo Santo referiu

⁵ 2Tim 4, 7.

isto depois em conversa familiar com um irmão. 7. Mas ele, invocando imediatamente o nome da Virgem gloriosa, abriu os olhos, e já livre do inimigo, viu a cela, na qual estava deitado, inteiramente iluminada por um esplendor divino. E o inimigo da luz, não podendo suportá-la, foi-se embora.

CAPÍTULO VII

O desejo enorme com que o povo o procurava e os abundantes frutos que o Senhor fez por seu intermédio

1. Continuando o servo do Senhor a fazer quanto se comprometera durante aquele tempo sagrado, todo o povo foi possuído de tão vivo desejo de o ouvir que, afluindo a ele a multidão em peso, necessitou de organizar cada dia reuniões na igreja. 2. Mas uma vez que a multidão excedia a capacidade de qualquer igreja, o Santo resolve falar a céu aberto e aí espalhava, com abundância, a chuva salutar da doutrina de que as almas estavam sedentas.

3. Ali se juntavam, cada dia sem interrupção, todos os habitantes da cidade de Pádua; ali também comparecia o Bispo juntamente com o clero e religiosos. 4. E não só, mas também da cidade, vilas e aldeias vizinhas acorria uma multidão quase inumerável; e até de noite, à luz de lanternas, apressando-se por chegar ao sítio onde iria pregar, cada um lutava por ocupar o primeiro e melhor lugar. 5. E lá, renunciando ao vestir requintado, se acomodavam até as pessoas delicadas e refinadas de ambos os sexos e todos os dias esperavam humildemente até ao fim a graça que chovia do alto.

6. O homem de Deus, enquanto falava, era ouvido por todos com tanta atenção que, embora estivessem reunidas em assembleia trinta mil ou mais pessoas, dificilmente se ouvia um murmúrio ou qualquer ruído. 7. Também os comerciantes, fechadas as suas lojas, não ousavam vender nada até que, terminado o sermão, cada um voltava ao seu trabalho. 8. Finda a pregação, toda aquela multidão procurava, num incontido ímpeto devoto, ao menos tocá-lo, de tal modo que ele, tanto à ida como à volta, temia

frequentemente ficar esmagado, não fora a escolta duma vigorosa fileira de jovens.

9. Ali se verificaram reconciliações de inimizades de morte, libertação de pessoas detidas há muito tempo, restituição de roubos e usuras, devolução de penhores e perdão de dívidas. 10. Cada um pedia conselho segundo o género dos próprios pecados e se submetia lealmente aos conselhos do homem de Deus; e muitos destes afirmavam ter sido advertidos em sonhos a fazê-lo assim. 11. As pecadoras públicas convertiam-se; e tão numerosos eram os culpados de vários pecados que recorriam à penitência, que não havia sacerdotes bastantes para os ouvir de confissão.

CAPÍTULO VIII

Da sua constância em colaborar com Deus e da sua fama de santidade entre o povo e como conheceu com antecedência a sua própria glorificação

1. Assim, pois, o servo de Deus, António, se bem que atacado de contínua doença e a contas com uma incómoda corpulência natural, não se deixava vencer pelos desconfortos do trabalho e continuava a pregar, ouvir confissões e dar conselhos. 2. Assim, espalhando as sementes salutares da vida, ele percorreu o espaço de quarenta dias trazendo para o Senhor uma abundante colheita de fiéis. 3. Deste modo quis o Senhor tornar conhecidos do povo os méritos do seu servo que havia estabelecido glorificar dali a pouco na presença de toda a gente para que, com tanta maior devoção o venerassem aqueles que, com antecedência, tinham nele admirado os sinais da santidade.

4. Com efeito, a tal ponto a extraordinária devoção de todo o povo confiava nos seus méritos, que se alguém conseguia cortar um bocadinho do seu hábito, sentia-se feliz por possuir uma relíquia tão preciosa. 5. Se outro conseguisse o privilégio de lhe dirigir a palavra ou tocá-lo, considerava aquilo uma graça insigne.

6. Que o homem de Deus tenha pressentido esta sua glorificação, poderá compreender-se claramente. 7. De facto, um dia em

que olhava do alto duma colina a planície de Pádua e o sítio da cidade, afervorado no espírito, começou a exaltá-la com grandes louvores, como o ouviu o seu companheiro de jornada, afirmou que cedo seria agraciada com uma grande honra.

8. Os acontecimentos correspondem claramente à profecia. Na verdade, desde o dia da sua morte até ao presente, Pádua alegra-se de o constatar pois, graças aos méritos do Santo, é visitada com afluência de inúmeros peregrinos e venerada com cânticos de louvor e dádivas magníficas. 9. Por isso afirmo que Pádua possui um tesouro inesgotável de milagres, que goza duma tangível e incomparável honra que, por intermédio do seu amado António, ajuda a tantos pobres. 10. Ó Pádua, verdadeiramente afortunada por todas estas graças, tens boas razões para te regozijares e exultares; e, por meio duma digna veneração àquele pelo qual assim foste gloriosamente enriquecida, conserva até ao fim esse título de glória.

CAPÍTULO IX

Como deixou de pregar e se retirou para o ermo e, doente, foi novamente levado para Pádua; e como, prestes a partir para o Céu, afirmou ver o Senhor e possuir uma unção interior

1. Em seguida, aproximando-se o tempo das ceifas, o homem de Deus viu que o povo devia ocupar-se do trabalho das colheitas e, portanto, decidiu suspender a pregação. 2. E, alquebrado como estava pelas incessantes relações com os seculares, afastou-se do tumulto da cidade, indo para um lugar solitário, chamado Camposampiero, a fim de renovar-se no espírito.

3. Um nobre, de nome Tiso, proprietário da habitação dos frades, recebe-o com enorme devoção mostrando-se serviçal e grato. 4. Poucos dias depois, num sítio ameno e arborizado nas cercanias da casa dos frades, armou por suas mãos, no cimo duma alta nogueira, uma pequena cela que António, com alegria, aceitou para

seu uso, pois se adaptava às suas ocupações habituais.

5. Deste modo ele, que com a alma já habitava no céu ⁶, nos seus últimos dias de vida ergue-se da terra também fisicamente. E consagrando-se lá no alto às meditações sagradas e devotas orações, purificava de todo o contágio terrestre o seu espírito que, em breve, se reuniria aos seres celestes.

6. Um dia em que, à hora da refeição, desceu para juntar-se aos irmãos, foi colhido repentinamente de violenta aflição. Deitado num leito, sentiu-se inteiramente sem forças físicas. 7. Com a doença a agravar-se constantemente, compreendeu que não resistiria por muito tempo. Por isso, para não ser um peso para os irmãos pobres daquele lugar, pede que o levem para Pádua. 8. Ao que os irmãos se opuseram quanto possível para que os não abandonasse. Por fim, se bem que de má vontade, submeteram-se ao seu desejo e, angustiados, tendo-o colocado cuidadosamente num carro, o deixaram partir.

9. Estava já próximo da cidade quando encontrou no caminho um outro irmão que ia justamente visitá-lo. 10. Vendo no carro o homem de Deus acometido de doença tão grave, persuadiu-o, a fim de evitar a importunidade dos seculares, a não entrar na cidade para se reunir aos frades de Santa Maria, mas se dirigisse aos frades de Arcella, encarregados da assistência espiritual às Senhoras Pobres. 11. O servo de Cristo acolhe a sugestão e permite o conduzam a Arcella.

12. Pouco depois, agravando-se a doença, começou a sair menos e a perder completamente as forças com sinais evidentes do fim. 13. Depois de se confessar e de receber a absolvição, começou a recitar o hino da Virgem Maria que começa assim:

Ó gloriosa Senhora...

⁶ Fil 3, 20.

14. Depois erguendo os olhos ao alto, olhava fixamente por algum tempo para a frente e, estando intensamente absorto, perguntaram-lhe o que via, respondeu: «*Vejo o meu Senhor!*».

15. Levando-lhe os frades, segundo o costume, a Santa Unção, disse-lhes: «Esta unção já está dentro de mim; mas, embora não seja preciso que ma façais, aceito-a e me é útil».

16. Recebida devotamente a Santa Unção, ainda recitou com os frades todos os salmos penitenciais. 17. Resistiu ainda por pouco tempo, cerca de meia hora e expirou docemente nos braços daqueles que o assistiam, como quem adormece.

18. António, o glorioso confessor de Cristo, morreu numa sexta-feira, 13 de Junho, no ano 1231 da Encarnação do Senhor.

CAPÍTULO X

Como foi miraculosamente divulgada a notícia da sua morte; como os Frades foram impedidos de transportar o seu corpo e como o povo que irrompeu em Arcella foi ferido de tontura e cegueira

1. Depois da morte do homem de Deus, os frades não pretendiam propagar a notícia do seu desaparecimento, com medo de que uma multidão agitada de povo se abatesse repentinamente em cima deles. Mas o acontecimento, que não deveria saber-se, foi miraculosamente de todos conhecido.

2. Ainda todos ignoravam o facto com excepção dos que estavam presentes, quando as crianças se puseram subitamente a percorrer em grupos a cidade, gritando em alta voz: «Morreu o padre santo! Morreu Santo António!»

3. A notícia propagou-se como um relâmpago por todos os bairros da cidade e chegou de repente aos ouvidos da população inteira. 4. À pressa, com medo de que alguém roubasse o corpo, os

habitantes de Capo di Ponte acorreram com grande número de gente armada. Iguamente, dos lugares vizinhos, pessoas sem distinção de sexo nem condição, rapidamente chegaram ao local e em coro começaram um grande e angustioso pranto.

5. Mais que todos chorava a comunidade das Senhoras Pobres, que, para consolo da sua aflição, decide recorrer aos mais notáveis da cidade: não tendo podido venerá-lo, como gostariam, em vida, por eles poderiam, ao menos, venerá-lo depois de morto.

6. Para isso, sem perda de tempo, enviaram mensageiros, naturalmente às escondidas dos frades, e a maior parte dos maioraes foi favorável à sua pretensão.

7. Entretanto, quando os frades residentes junto da igreja dedicada à Santa Virgem Maria — onde precisamente o homem santo havia escolhido ser sepultado — chegaram a Arcella e quizeram que lhes fosse entregue o corpo, os moradores de Capo di Ponte opuseram-se não permitindo que o tocassem e zelosamente o guardaram com forte dispositivo de gente armada. 8. Então, os frades, obrigados a sujeitar-se a semelhante recusa, consultam o Bispo sobre o que fazer e ele concorda com o direito destes contra a pretensão daqueles.

9. O Bispo implora seguidamente ao Podestà da cidade para intervir e ajudar na medida do possível os frades a transportar o corpo. 10. Mas os acima mencionados moradores opõem-se ao Podestà, pondo em risco a vida e os bens para defender o corpo do Santo. Nisto estão de acordo até os que, por irreconciliáveis rixas, eram inimigos. 11. Não basta. Suspeitando de qualquer possível armadilha, estavam decididos a furtar o mesmo corpo e foi com grande dificuldade que os convenceram a esperar a chegada do Ministro, do qual dependia a causa dos frades.

12. No meio da noite ⁷ rebentou uma tumultuosa gritaria da multidão desesperada que queria a todo o custo ver o corpo do santo. 13. Acontece, então, um facto extraordinário: por três vezes

⁷ Mt 25, 6.

entraram de assalto em Arcella e partiram a fechadura, todavia, como atordoados e feridos de cegueira, nem uma vez conseguiram entrar, embora as portas estivessem escancaradas.

14. No dia seguinte foram numerosos aqueles que afluíram das cidades vizinhas. E os que não podiam pessoalmente tocar o corpo por causa do aperto, davam aos outros qualquer objecto seu, um cinto, um colar, um anel, para que fosse colocado em contacto com o corpo.

CAPÍTULO XI

Da pertinácia dos citados cidadãos na defesa do corpo, do tumulto entre o povo e das exéquias do Santo

1. Estando em suspenso a contenda por causa da ausência do Ministro, os frades, preocupados com o calor do verão, puseram o corpo num caixão de madeira e colocaram-no numa cova, cobrindo-a com uma ligeira camada de terra. 2. Como um raio, espalha-se entre o povo o boato de que o corpo tinha sido raptado e logo todos irrompem furiosos a Arcella, brandindo espadas e cacetes, não sossegando até depois de investigar atentamente o facto e as suas causas .

3. À tardinha chegou o Ministro e, sem demora, se apresentaram os já várias vezes citados moradores. 4. Eles exigem com insistência o corpo e não se limitam a alegar as suas razões mas vão ao ponto de ameaçar que, nesta desavença, não recuarão em frente de ninguém, nem com perda de bens nem até da própria vida. 5. Notando esta teimosia fanática, o Ministro tratou-os com modo humilde e diplomacia e pediu-lhes que guardassem o corpo até ao dia seguinte.

6. Na manhã do terceiro dia, o Ministro foi ter com o Podestà da cidade e pediu-lhe ao mesmo tempo conselho e ajuda. 7. Este convocou o conselho e decretou, sob pena de cem libras,

que ninguém ousasse violentar os frades até que a questão fosse moderada pelo Bispo e clero dispondo, no entanto, com o comum acordo de todos, que o corpo ficasse guardado.

8. No quarto dia, o Bispo com o clero examinou diligentemente a causa e, ouvidas as razões de ambas as partes, concluiu com sentença definitiva favorável aos frades. 9. Motivo principal: que o homem de Deus, prestes a falecer, tinha escolhido ser sepultado perto deles e, enquanto vivo, participava totalmente na vida comunitária, partilhando a mesma casa.

10. Convidou, portanto, tanto o clero como todo o povo a reunir-se juntamente na manhã seguinte para transportar o corpo, pedindo além disso ao Podestà que protegesse eficazmente os frades para que não fossem molestados.

11. Para tanto, o Podestà fez preparar no meio do rio uma ponte sobre barcas, pois temia que os citados moradores explodissem noutra escaramuça quando vissem passar o caixão e se apercebessem que a sua causa estava perdida.

12. Ora, eles, vendo tais preparativos, insurgiram-se ainda mais, tomaram de assalto a ponte das barcas e destruíram-na. E mais. Declararam-se prontos a afrontar qualquer risco se alguém ousasse tocar o corpo ou molestar as suas pessoas, casas ou outros bens. 13. Sabendo disto a facção adversa pegou também em armas e fez avançar as suas tropas não menos afoitas contra os destrutores da ponte.

14. Constatando os frades que pairava sobre a cidade um perigo iminente, encheram-se de medo. A seu lado, as Senhoras Pobres, não menos aterrorizadas, estavam agora com eles e até rezavam para que o corpo do Santo saísse dali. 15. Tanto uns como as outras atribuíam aos próprios pecados o mau êxito dos acontecimentos e imploravam com pranto à divina misericórdia que não permitisse a ruína da cidade.

16. Nesta situação o Podestà não tolerou a revolta. A toda a pressa, através dum pregoeiro, convocou ao palácio o conselho dos

cidadãos e forçou os responsáveis dos acontecimentos para outra parte da cidade obrigando-os, sob juramento, a não regressar naquele dia a suas casas sob pena de lhes serem confiscados todos os seus haveres.

17. Terminada assim a contenda, o Bispo e o clero, o Podestà com os nobres e cavaleiros e uma multidão incontável, dirigiram-se em procissão a Arcella, retiraram da cova o corpo que foi transportado, aos ombros dos notáveis. 18. Finalmente, entre o esplendor duma infinidade de círios, ao canto de hinos e louvores, o solene cortejo avança e chega à igreja da Santa Mãe de Deus onde, celebrada a missa pelo Bispo, o corpo é sepultado com grandes honras, no quinto dia da sua morte.

CAPÍTULO XII

Como naquele mesmo dia começaram a brilhar os milagres e a devoção e júbilo com que todos acorriam ao túmulo do Santo

1. Na verdade, a Divina Providência permitiu que antes rebentasse a tempestade do motim, porque queria logo depois difundir, mais intensa, a acalmia da tranquilidade; para que a clareza da graça que se seguiria brilhasse, tanto mais risonha quanto mais turvo estivera o nevoeiro da provação anterior. 2. Também nestas circunstâncias se demonstra o amor — não conforme a sabedoria — do povo para com o Santo: de quanta veneração o havia rodear!... Pois se tanto se lhe afeiçoava antes dos milagres, quanto mais fervoroso não seria o seu culto quando os prodígios começassem a desabrochar.

3. Acalmada, pois, a tempestade, de repente naquele mesmo dia começaram a acontecer prodígios maravilhosos. Aos atormentados com qualquer tipo de doença, bastava tocarem o túmulo do Santo, para que de imediato recuperassem a desejada saúde; 4. os que, por causa da multidão, não se podiam aproximar ou não era possível levá-los, saravam na presença de todos, até fora de portas, na praça.

5. Estes casos estimulam uma indescritível devoção no povo, que chega em peregrinação, exaltando com dignas honras os méritos do Santo. 6. Vieram primeiro os habitantes de Capo di Ponte, de ambos os sexos, todos sem exceção, pequenos e grandes, de pés descalços e prostraram-se diante do túmulo do Santo com tanto respeito e humildade, que o seu comportamento impelia à compaixão o coração de todos; até os frades, movidos de grande piedade, foram ao seu encontro em procissão.

7. Depois deles, o Bispo da cidade e todo o clero, as veneráveis comunidades religiosas, um grande número de estudantes com os professores, o Podestà acompanhado duma escolta de notáveis e duma fileira de cavaleiros, e outros ainda de qualquer profissão e officio, todos em organizado cortejo processional, caminhando com dignidade, nos dias e horas aprezados, de pés descalços, cada um levando uma vela na mão.

8. Na frente de cada grupo iam círios enfeitados com tantos ornamentos e formas elaboradas com arte e de tais dimensões que, transportados às costas de muitas pessoas ou em carros, não podiam ser erguidos dentro da igreja senão cortados. Quando não se conseguia introduzi-los por causa da enorme afluência, colocavam-nos fora das portas, na praça.

9. E assim, em turnos, as filas sucediam-se umas às outras, dia e noite, sem ceder ao frio nem ao calor. Deste modo ofereciam sem interrupção tributos de louvor e sinais de honra a Deus e ao Santo.

CAPÍTULO XIII

Do modo como foi canonizado e da visão divinamente evidenciada para apressar o avanço da Causa

1. Depois que tão grandes maravilhas de Cristo foram manifestadas no seu servo António, uma fama imensa se difundiu largamente por toda a parte e atraiu gente de diferentes cidades, províncias, línguas e reinos. 2. Chegavam em tropel, dando muitas

graças ao Senhor e exaltando com magníficos louvores os méritos do Santo e bendizendo Pádua por ser coroada de tal glória.

3. A fé religiosa da Igreja é exaltada, são quebrados os dentes mordazes dos incrédulos que de fauces abertas e raivosas se esforçam por dilacerar com tantas calúnias a esposa de Cristo.

4. Numa coisa estão todos de acordo: que se procure com diligente empenho a canonização do Santo e o processo seja solícitamente levado ao conhecimento da Sé Apostólica.

5. Para este efeito foram destinados procuradores, dignos por condição e de louváveis costumes; apenas chegados, expõem a causa da sua viagem e são recebidos com cordialidade e complacência pela Cúria Romana. 6. Admiram-se os ouvintes com a inesperada e incalculável florescência de tantos milagres; tratam diligentemente de se desempenhar da tarefa e, por fim, confiam ao venerável Bispo de Pádua e também aos priores de São Bento e aos Frades Pregadores da mesma cidade o inquérito escrupuloso e a verificação dos milagres.

7. Regressados, cheios de alegria, os representantes dão a conhecer a todos as ordens do Papa. 8. Inúmeras pessoas de ambos os sexos apresentam-se perante a comissão; tendo experimentado em si mesmos os benefícios do homem santo, rendem testemunho à verdade. 9. Recolhem-se os depoimentos; ouvem-se as testemunhas com as precauções exigidas pelas circunstâncias; passam-se a escrito os milagres legitimamente aprovados.

10. Naquele espaço de tempo chegaram a Pádua por vontade divina, dois cardeais da Sé Apostólica que estavam então a desempenhar o cargo de legados na Marca Trevisina. Estes acrescentaram, nas suas cartas dignas fé para a Cúria, a confirmação da verdade sobre os factos relativos ao beato António que também eles tinham reconhecido com segurança.

11. Foram escolhidas, pois, várias personagens, das mais cotadas entre os priores religiosos, clero, nobres e condes da cidade e foram enviadas novamente à Cúria Romana, munidas do apoio das cartas-credenciais. 12. Foram recebidas com apreço e depois

os príncipes da Igreja trataram em segunda instância do processo da canonização do Santo. Confiaram o novo processo canônico, para exame e aprovação dos milagres, ao senhor Bispo de Sabina o qual despacha a causa não só com consciência mas também com uma rapidez inesperada.

13. Foi então que alguns cardeais exprimiram desacordo, observando que se procedia naquele caso com uma precipitação insólita em casos similares, pois nem se passara um ano sequer depois da morte do Santo. 14. A providência da bondade divina vem, porém, em socorro dos representantes paduanos bastante desanimados e faz avançar o processo que não podia de modo algum adiar-se. E mostrou a sua vontade por meio duma visão a um dos cardeais que tinha interposto obstáculo ao curso rápido do processo.

15. Pareceu-lhe ver o Sumo Pontífice no acto de consagrar uma igreja, rodeado de cardeais entre os quais ele estava também. Chegou o momento de colocar as relíquias no altar. 16. Estes aproximaram-se, como exige o ritual, mas não as viram e, em vez delas, aparece o corpo de alguém, há pouco falecido, que estava em parte coberto com um pano e o Senhor Papa pediu que lhe fossem imediatamente dadas as relíquias daquele corpo.

17. Replicando eles que não eram relíquias, o Papa ordenou que se aproximassem imediatamente e descobrissem sem demora o corpo escondido. 18. E acontece que aquelas relíquias agradaram de tal modo a quem as estava descobrindo que disputavam entre si a sua posse.

19. Tendo acordado, manhã cedo, aquele cardeal, encontrou à sua porta os delegados dos paduanos que o esperavam e, contando aos seus clérigos a visão, relacionou-a sem hesitar com a canonização do Santo. 20. Depois disso tornou-se ele próprio o principal promotor da causa. E, finalmente chegando todos a acordo, veio a fixar-se o dia oportuno para a conclusão do processo.

21. No dia aprazado está presente o Papa com o fausto das grandes solenidades. Também está presente o colégio cardinalício cujos membros envergam paramentos igualmente sumptuosos e prelados provindos das igrejas de várias partes do mundo, além duma imensa multidão de povo. 22. Depois de lidos em público e aprovados os milagres, de pé e as mãos estendidas para o céu, o Pontífice invoca o nome da Santíssima Trindade e, em seguida, inscreve o beatíssimo sacerdote e confessor de Cristo, António, no catálogo dos santos e deliberou que a sua festa se celebrasse solenemente nos idos de Junho, dia da sua morte.

23. Este acto teve lugar em Espoleto, no dia santo de Pentecostes, no ano da Encarnação de 1232, sexto do pontificado do Senhor Papa Gregório IX. 24. Concluída a cerimónia, com sumo regosijo, os delegados regressaram a Pádua e, no dia prefixo, celebraram com pompa a solenidade de Santo António.

CAPÍTULO XIV

Dos milagres do Santo solenemente aprovados pela Cúria Romana

1. Os milagres aprovados solenemente, de que pouco antes falámos, encontrei-os descritos num amplo tratado com os nomes das pessoas e as diversas circunstâncias em que se verificaram. Quero-os agora acrescentar sumariamente, resumidos, neste opúsculo. 2. Aí se encontra o relato de dezanove aleijados de vários modos curados; cinco paralíticos restabelecidos e outros tantos curados de deformidade; seis cegos que recuperaram a vista; abertos os ouvidos de três surdos e soltas as línguas a outros tantos mudos; dois libertados da loucura, dois ainda das febres e, por fim, dois mortos miraculosamente ressuscitados.

3. Alguns outros milagres que não posso resumir assim esquematicamente, expô-los-ei em breves palavras, um por um.

4. Uma mulher, caindo na água, invocou Santo António; e enquanto todos os que a tiraram para fora ficaram molhados, só ela conservou completamente enxutos o corpo e os vestidos. 5. Uma outra mulher, desejosa de visitar o túmulo do Santo e não podendo largar o seu posto de trabalho — estava encarregada de vigiar o milho das invasões dos pássaros — consegue que o milho fosse totalmente livre da praga daquelas aves depois de ter prometido visitar nove vezes o túmulo do Santo.

6. Alguns navegantes, aflitos com um naufrágio no mar e já sem esperança, depois de confessados, dirigiram-se a Santo António e logo foram conduzidos rapidamente a porto de salvação, precedidos dum raio bem visível de luz. 7. Uma irmã da Ordem das Senhoras Pobres, que temia muitíssimo o fogo do purgatório, por intercessão de S. António tinha conseguido expiar totalmente os seus pecados nesta vida; entretanto, era atormentada de atrozes sofrimentos de que foi libertada por intervenção das outras irmãs, ainda graças a Santo António.

8. Uma criança fora curada dum perigoso tumor no pescoço porque sua mãe tinha feito por ela uma promessa ao servo de Cristo; mas foi ferida de novo com a mesma doença porque a mãe se descuidara de cumprir a promessa. Repetido e cumprido o voto, a criança recuperou a saúde.

9. Um cavaleiro, enredado na heresia desde a mais tenra idade, enquanto sentado à mesa, ouviu falar dos prodígios do Santo, por escárnio lançou ao chão o copo de vidro que tinha na mão, dizendo: “Se António for capaz de conservar intacto este copo, na verdade acreditarei que é santo”. 10. O copo, embatendo embora no empedrado do chão, ficou miraculosamente intacto e ele, logo renunciando ao erro, começou a crer em Cristo com uma fé muito grande.

11. Um eclesiástico que gracejava da investigação dos milagres foi acometido de doença gravíssima; por fim, feita uma promessa a Santo António, recuperou a saúde e, ensinado pela experiência pessoal, torna-se público testemunho da sua santidade.

CAPÍTULO XV

Ainda dos milagres

1. Muitos outros milagres foram realizados por Santo António, porventura não menos autênticos do que os atrás referidos, ainda que não aprovados com igual solenidade. Falarei resumidamente sobre cada um deles, mencionando muitos outros de modo genérico.

2. Alguns homens de Pádua conspiravam para matar um padre e fizeram-lhe uma emboscada ⁸ num determinado lugar. 3. E eis que Santo António aparece naquele sítio disfarçado de frade desconhecido. Eles estavam desejosos de se ver livres dele, mas verificaram que não se ia embora. 4. Como o mandassem sair dali, ele recusou dizendo conhecer as suas intenções. Então, suspeitando que alguém os tivesse traído, começaram a perguntar-lhe quem era. 5. Respondendo que era Santo António, ficaram fortemente atordoados; ali mesmo os demove dos seus perversos desígnios, obrigando-os a confessar publicamente o acontecido, dando glória a Deus.

6. Um homem que tinha um braço completamente tolhido é curado por Santo António. 7. Mas, fazendo mau uso do benefício de Deus, tornou-se merecidamente indigno de tal graça. 8. De facto, valendo-se do recuperado uso do braço, maquinava vingar-se dos inimigos, mas perdeu imediatamente o vigor e recaiu no primitivo estado de paralisia.

9. Por agora basta ter posto em destaque estes breves exemplos a propósito dos milagres de Santo António. 10. Pelos gloriosos méritos do Santo, desde o dia da sua morte até agora, acabam as necessidades e desaparecem os perigos dos atribulados de qualquer género: lepra, demónios, erro, morte e desgraça acabam; 11.

⁸ 1Rs 15, 5.

doentes de qualquer enfermidade levantam-se sãos; soltam-se as cadeias dos prisioneiros e o mar amaina para quem corre perigo de naufrágio; aqueles que, de ambos os sexos e de qualquer idade, procuram objectos perdidos, recuperam-nos. 12. Que se alguém desejar obter graças particulares, ouça os miraculados e os paduanos lhe hão-de garantir que se trata de factos autênticos.

CAPÍTULO XVI

Louvores à glória do Santo

1. Por isso transborda de alegria a Santa Madre Igreja, que o seu amado esposo, Jesus Cristo, exalta e adorna com a glória de filhos imortais. 2. Bem merecidamente em António, qual filho sábio, é celebrada a glória do Altíssimo que magnificamente é exaltada por este Santo, o qual “saboreia” não as coisas da terra mas as do céu⁹ com uma prudência de espírito que é loucura para a carne e para o mundo.

3. Mas António é coroa de glória sublime ainda para aqueles que são seus mestres, isto é, Agostinho e Francisco. No princípio, como já dissemos, ele professou a Regra dos agostinhos e, seguindo o segundo, tornou-se totalmente desprezível ao mundo. 4. Com estes gloriosos patriarcas está agora no esplendor celestial, pois, nesta vida, lhes seguiu os exemplos com a profissão religiosa e santos costumes.

5. Alegra-te também tu, António, homem bem-aventurado que, qual árvore transplantada para a margem dum rio, produziste, nestes derradeiros dias, frutos primaveris e outonais¹⁰. 6. Vigia posta pelo Senhor no Monte Sião, pregando a sua lei, lhe restituíste, redobrado, o talento que dele tinhas recebido.

⁹ Col 3, 2.

¹⁰ Tg 5, 7.

7. De ti aprenderam a verdade da vida real aqueles que tu repreendias porque eram de coração duro, oprimido pelas coisas terrenas, amando as vaidades e procurando a mentira. 8. O homem sanguinário, isto é, embebido em sabedoria mundana, a quem a carne e o sangue lhe fazem luzir apenas o lucro fraudulento, e o mentiroso, o mesmo tal como o herege, que com erros astutos prende no laço os pés espirituais dos simples — esses ouviram-te dizer que são abomináveis diante de Deus. 9. De ti, na verdade, que havias sorvido dos seios de um e outro Testamento a pureza simples e inocente como dos lábios duma criança e dum lactente, jorrou o louvor perfeito. 10. Por teu intermédio, Cristo aniquilou o filósofo inimigo, que lhe faz guerra com as armas da sabedoria humana e o vingativo, o herético, ou seja aquele que ostenta uma falsa aparência da verdade para defender a fé, enquanto não pretende senão destruí-la.

11. Alegra-te, repito, tu que foste como nós um caminhante em viagem neste trabalhoso peregrinar, mas agora habitas na eterna mansão celeste. 12. Sê-nos propício, te rogamos, com a tua intercessão perante Aquele do qual recebeste quanto desejava o teu coração, Ele que te concedeu a vida que tu lhe pedias e que não conhece morte nem tédio.

13. Sê o nosso guia, para nós, pobres desventurados, que o vínculo duma morte inevitável escravizou neste abismo, para que, com o teu auxílio, possamos subir ao monte do Senhor ¹¹ onde, no seu lugar santo, isto é, reunidos a Cristo, Deus feito Homem, fiquemos para sempre contigo.

CAPÍTULO XVII

Louvores e preces a Cristo pelos méritos do Santo

1. Ao findar esta obra, bondosíssimo Jesus, princípio e fim de todas as coisas, erguemos a Ti a nossa palavra, ou antes, o nosso balbuciar, para te louvar, embora debilmente, Tu que em todos

¹¹ SI 23, 3.

os santos és digno de louvor, portanto também no nosso S. António. 2. Por isso todas as criaturas do céu, da terra e dos mares te glorificam como Senhor do universo, dando-te os devidos louvores e ações de graças a Ti que, por meio de António, com tantos e evidentes sinais, aumentas nos fiéis a esperança na vida futura.

3. Tu és a firmíssima pedra do alicerce, sobre a qual este Santo assentou solidamente a sua casa, a qual nem as cheias alterosas dos rios nem o mar medonho — isto é, qualquer extraordinária tempestade de tentações que irrompem furiosas — poderão jamais, minimamente sequer, perturbar, porque fundada sobre Ti, Senhor, admirável nas alturas. 4. Pois que ele, Senhor, já rejubila, feliz, na tua presença, onde entrou na exultação plena, a que não se segue nenhuma perturbação. 5. Onde a verdadeira luz, que és tu mesmo, assemelha-se a ti quem goza da tua luz, graças à qual vive imortal e bem-aventurado.

6. Tu és na verdade a luz rutilante de glória para aquele que, tendo o olhar da mente obnubilado para as coisas terrenas, olhou fixamente para ti durante esta vida até ao alvorecer da graça. 7. Tu igualmente és a fonte de vida e a inexaurível torrente de delícias. Ele teve sede ardente ¹², em todo o seu ser, corpo e alma, de ti que bebeste, no caminho, da torrente da Paixão e foste sequioso, na cruz, da salvação do género humano.

8. É a Ti que dirigimos a nossa prece, ó Jesus, luz inextinguível, que dás maravilhoso esplendor a António com tantos milagres que iluminam o mundo: por seu intermédio, do qual não sem razão nos gloriamos, oferecendo-te este humilde tributo de louvor, faz que nós também, graças ao testemunho duma consciência recta ¹³, possamos dentro de nós mesmos louvavelmente gloriarmos das boas obras.

9. Concede-nos, por tua graça, dominar exteriormente o apetite das coisas sensíveis e, no interior, levar à tua presença o óleo da alegria espiritual no vaso puro do nosso coração para que não imitemos as virgens loucas, gloriando-nos só das coisas exte-

¹² Sl 62, 2.

¹³ 1Tim 1, 5.

riores e dos méritos alheios e, ao fim, com os vasos do coração vazios, em vão recorramos para nossa justificação a vendedores condescendentes ou até a padres santos, com quem temos a pretensão de partilhar a glória sem, porém, os querer imitar. 10. Mas por dentro com as lâmpadas ardentes do fogo da caridade e por fora luminosas pela autêntica fama de bondade, ficando acordados à tua espera, esposo da virgindade intacta, para te sairmos ao encontro a fim de entrar contigo nas bodas, 11. onde com os místicos instrumentos musicais de David, cantemos sem fim, juntos com todos os coros dos espíritos bem-aventurados, os hinos do epitalâmio da deliciosa união com tua esposa.

12. Concede-nos isto, ainda que indignos, pelos méritos de Santo António, na tua generosa bondade Tu, que com o Pai e o Espírito Santo vives e reinas pelos séculos dos séculos. Amém.